

TRINTEIRA LIVE

A Biblioteca Pública de
Braga

15
SETEMBRO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Crime grave e crime gravíssimo

Todo o crime é grave, mas a terminologia jornalística tornou especialmente conhecida a designação de crime grave quando se trata de atentado à pureza feminina, mormente quando as vítimas são menores de idade. No entanto, crime grave é todo aquele que alcança uma esfera da gravidade que o crime vulgar, normalmente, não alcança. Ora todo o crime contra a integridade de uma nação é não só um crime grave mas também um crime gravíssimo. É-o, sobretudo, quando o criminoso pertence a essa mesma nação. Por isso, todo o crime grave, ou, antes, gravíssimo, cometido contra a integridade da nação do próprio criminoso é, comumente, classificado de alta traição.

Na presente conjuntura, em que Portugal é vilmente atacado pelos que teimam em querer que abandone as suas províncias ultramarinas, en-

tregando-as, de mãos atadas, aos guerrilheiros rebeldes que, pelas vias traiçoeiras do terrorismo, se arvoraram em defensores de uma auto-terminação que significa, pura e simplesmente, a expulsão da parte branca da população, na presente conjuntura, dizíamos, cometem crime grave, ou, antes, gravíssimo, todos os portugueses que se mostram concordes com o abandono das nossas províncias ultramarinas e, mais do que isso, advogam esse abandono, como único meio de restabelecer a paz na Guiné, em Angola e em Moçambique, como se a guerra houvesse sido imposta por Portugal, como se Portugal fosse o responsável por ela, como se da parte de Portugal houvesse partido a iniciativa de uma situação que é ele o primeiro a deplorar, porque a ele, mais que a ninguém, é nociva.

Digam o que disserem os

inimigos de Portugal, não só os que pretendem exterminar ou, pelo menos, expulsar os brancos dos territórios africanos assaltados pelo terrorismo guerrilheiro mas também os que, por simples inveja, entendem que, quando as nações europeias abandonaram tudo (ou quase tudo) o que possuíam no Ultramar, é inadmissível que Portugal mantenha os seus territórios ultramarinos sob a sua bandeira nacional, esquecendo, ou fingindo esquecer, que as respectivas populações, na sua esmagadora maioria, preferem ser portuguesas a ser indefesas

(Continua na 4.ª página)

Noticiário da A. N. P.

Foram nomeadas as Comissões Concelhias da A. N. P. de Braga e Vila N. de Famalicão

A primeira preside o sr. dr. Teotónio de Andrade e Castro e tem como elementos coadjuvantes os srs. Dr. Eduardo de Sá Malheiro, D. Elsa do Vale Machado, Dr. Ernesto Rodrigues Antunes, José Luís Pereira Barbosa, Dr. João da Silva Braga Simões, Eng.º Manuel José de Almeida, Ramiro Cursino Nunes da Silva e Raul Duarte Palafox.

* * *

A Comissão Política de Famalicão tem como presidente o sr. dr. Artur Joaquim Go-

mes Teixeira de Melo e como vogais: a Sra. Dra. D. Maria Hercília da Silva, João Mesquita de Oliveira, Vasco Carvalho Guimarães, Alberto Folhadela de Macedo Simões, José Manuel da Costa Pereira, Libório Ribeiro da Silva, Manuel Ferreira Gomes e António Sampaio Alves.

1.º Plenário Distrital de Braga

Ao que acaba de informar o imprensa diária realiza-se hoje o 1.º plenário distrital da A. N. P., com sessões de trabalho de manhã e de tarde.

Funcionário 3 secções em que serão tratados os temas: Agricultura e indústria, Política e Segurança Social.

Parece-nos saber, pois os elementos fornecidos são escassos, que na Secção-Agricultura e Indústria - apresentará um trabalho o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva, individualidade ligada ao nosso Concelho e cujo nome é garantia de que escutaremos um estudo válido e oportuno.

5.ª COLUNA

A Póvoa de Varzim — a mais recente cidade de Portugal — pretende ser a cidade moderna por excelência, com a novíssima novidade que os edis poveiros lançaram aos seus municípios.

A Câmara da Póvoa tem de resolver qual o dia de descanso semanal do Mercado, bem como o dia do seu principal feriado cidadão. Como noutros concelhos, nada mais haveria a fazer do que reunir a Vereação e deliberar sobre os dois assuntos. Mas não! É aqui que incide a tal novidade duma cidade moderna. Resolveu a Vereação convidar os municípios a pronunciarem-se num plebiscito manuscrito, recebendo todas as opiniões de quantos queiram aderir à sua causa que não é mais que a do próprio povo, até o dia 8 de Setembro, fosse até segunda-feira passada.

Tal inquérito, inédito, em trazer ao de cima tudo que seria lógico fazer-se noutras

(Continuado da primeira página)

Uma capital à espera de o voltar a ser

«Fui um soldado da ocupação» — dizia-me, em francês, o pobre homem, frágil, demasiado envelhecido, que encontrei no barco, durante um passeio pelos canais de Berlim. E ao dizê-lo era como se pedisse perdão, insistindo em falar francês (embora também pudesse utilizar o inglês) e em tecer elogios à França, para onde fora destacado há trinta e três anos.

Esse berlinense baixote, que fez questão de me oferecer um «cognac», foi para mim um exemplo mais do drama germânico, drama de um povo que no fim do século passado encontrara a sua unidade, mas que hoje volta a estar dividido, vítima de uma política infeliz.

Berlim Ocidental é uma cidade rica, muito rica mesmo, plena de progresso, mas os seus habitantes não se confessam felizes e sentem-se até inseguros. «Que somos nós?» — perguntam, quase que em monólogo. — «Não somos nada. A Rússia não

reconhece os nossos laços com a República Federal Alemã. A sua ambição seria anexar-nos à outra parte da cidade. Mas não podemos tolerar o sistema de vida que lá se leva. Eles não fazem nada pelo povo...»

Com efeito, Berlim Ocidental é quase uma ilha, embora isso não salte logo à vista para quem vai passar apenas alguns dias na cidade, que oferece bons hotéis, restaurantes e esplanadas, para além dos seus estabelecimentos de luxo, com as últimas criações da moda de Paris e de Florença. Os berlinenses não podem tranquilamente pegar no seu carro e procurar umas horas de passeio até um ponto que fique a cinquenta ou a oitenta quilómetros de casa, como o fazem com regularidade os habitantes de Lisboa, de Madrid ou de Paris. Não. Eles vivem isolados, rodeados por território «hostil».

(Continua na 4.ª página)

A C. P. até o ano 2000

O prazo da actual concessão da rede ferroviária à C. P. terminará no último dia do ano 2000, segundo o texto do contrato assinado em 25 de Junho passado, o qual revogou o anterior, celebrado em 1951.

Segundo o contrato, a C. P. obriga-se a explorar a rede ferroviária segundo métodos actualizados de gestão comercial privada e de acordo com as existências do progresso técnico e as oportunidades comerciais evidenciadas pelo mercado, sem prejuízo das obrigações de serviço público estabelecidas.

Designadamente, a companhia é obrigada a ter o material fixo e circulante necessário para assegurar a execução do serviço, com a indispensável regularidade, eficiência e segurança.

Quanto às obrigações impostas à C. P. aquelas serão revistas ou objecto de compensação adequada, por acordo entre o Estado e a concessionária, quando não se mostrem equiparadas às que impedem sobre as restantes empresas que com ela concorrem no mercado dos transportes. Assim, passam a constituir receitas de exploração da companhia, entre outras, as compensações financeiras a atribuir pelo Estado em resultado de despesas e perdas de receita pro-

venientes, nomeadamente, da obrigação de fazer transportes em condições incompatíveis com uma exploração comercial lucrativa; da prática forçada de preços de transporte inferiores aos que resultariam da consideração dos custos de produção e das características do mercado; do adiamento por motivos de política geral, da entrada em vigor de alterações tarifárias justificáveis à luz de uma exploração comercial lucrativa; da obrigação de ter ao serviço pessoal que exceda as necessidades da empresa, etc.

Uma vez obtida autorização do Ministério das Comunicações, a C. P. poderá cessar, temporária ou definitivamente, parcial ou totalmente, a exploração de linhas ou ramaís que não se revele comercialmente viável nem justificável por superiores motivos de interesse público.

Sempre que a companhia seja autorizada a cessar, total ou parcialmente, a exploração, de linhas férreas ou ramaís, deverá estabelecer directa ou indirectamente serviços de transporte de passageiros e mercadorias por estrada, por forma a assegurar as necessidades públicas e a dar satisfação às exigências de desenvolvimento da

(Continua na 4.ª página)

PENSAR A VIDA É cada parágrafo

uma notícia

A vida é um absurdo
A morte seu ponto final
Mas se um dia morreremos
Para que nascemos afinal?

É este o grande problema
Que todos os dias é tema
Dos vários pensadores
Pois ainda os há felicamente
Porque a outros este mistério
Por sinal muito sério
Nem lhes passa pela mente

Mas nem só no tema «Existência»
Se vê a pouca tendência
Do homem para pensar
E deduzir resultados
Pois se se pensasse mais racionalmente
Não se davam certamente
Tantos passos mal dados

Porque para além de trabalhar
O homem deve pensar
No capítulo bem duro
De tentar resolver
Como melhor lhe apruver
Todos os grandes dilemas
Que ditarão seu futuro

Mas para que vivemos?
Porque p'ra tal nascemos?
Se um dia vamos morrer
E na terra de um cemitério
Nos iremos desfazer
Valeu a pena viver?
Mas que estranho mistério.

Carlos Joaquim da Costa Coelho / 73

Abalroaram no canal da Mancha, dez milhas a Noroeste da ilha de Guernesey, devido ao nevoeiro, o cargueiro português «Hermenegildo Capelo», da Companhia Insulana de Navegação, e um pequeno navio mercante grego, o «Kondor», de 900 toneladas, que se afundou, tendo desaparecido no mar dez dos seus doze tripulantes. O navio português seguiu viagem para Antuerpia, sem atrasos de monta.

* * *

Uma estufa quente, destinada a plantas exóticas, está a ser instalada no parque Eduardo VII, em Lisboa, paredes meias com a velha Estufa Fria que é um dos principais atractivos turísticos da capital portuguesa. A iniciativa pertence à Câmara Municipal que é, de resto, também a proprietária da Estufa Fria.

Telefones dos Bombeiros
V. de Amares
62162

Situa-se em terrenos anexos ao aeroporto de Lisboa a nova sede do Serviço Nacional Meteorológico português, em que ficarão reunidos todos os departamentos daquele organismo. O edifício já está em construção, o qual deve importar em mais de cinco mil contos.

* * *

Vai ter um Palácio da Justiça a vila do Barreiro, importante centro industrial da margem Sul do Tejo. O respectivo anteprojecto, assinado pelo arquitecto Januário Godinho, autor do projecto do Palácio da Justiça de Lisboa, já se encontrava aprovado pelos Ministérios das Obras Públicas e da Justiça.

VENDE - SE

Prédio com o devido recheio e quintal. Com a seguinte exploração; Mercaria - vinhos, casa de Pasto, talho e aviário, tem água privativa.

VER E TRATAR COM

Manuel Gonçalves da Silva

ADEGA REGIONAL — FEIRA NOVA

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

Tudo em vão. O cão não se afastava. Olhava-a com fixidez com penetração, com se quisesse hipnotizá-la. Chegava a dar a impressão de que não tardaria a falar!

—Vês?... O animal não quer deixar-nos. Mesmo que lhe atires a pedra, que lhe dês com um pau na cabeça; ou que o mates, não se irá embora!

—E porquê?...

—Já to disse: Porque tem coração.

Carmencita atirou a pedra para longe do sítio onde estava o animal.

Rápido como uma flecha, o «Fiel», seguindo a trajectória da pedra, tomou-a na boca e, muito contente voltou a trazê-la a Carmencita, depositando-a a seus pés, agitando muito a cauda.

A rapariga ficou pasmada, e o «Pardal» sorriu-se.

Carmencita, enternecida, tomou entre as suas pequeninas mãos a enorme cabeça do «Fiel», apertou-a carinhosamente contra si, beijou-a, já sem medo, vencida pela maravilhosa atitude do bom animal.

O cão, reconhecido, deu três saltos, ladrou alegremente, roçou-se duas ou três vezes pelas pernas da rapariga, e acabou por pôr-se a andar, com a cauda, tesa, diante de todos, como se quisesse indicar-lhes o caminho.

—Pobre animal!... Como ele é bom!

—Eu não te dizia que ele não nos deixava?...

—Bem, deixá-lo vir connosco!

—Pois que venha! E se quiserem prender-nos por causa dele, paciência! E quem sabe? Talvez ele nos defenda!

—Que nos prendam, isso não! Que medo eu teria se me visse encerrada numa prisão. Creio que morreria de pena!

—Então, Carmencita...? Faz-te valente, não tenhas medo!

A pobre rapariga, porém, imaginava-se já encerrada num calaboiço frio e escuro, na horrorosa companhia dos ratos, misturada com más mulheres e sem ver a luz do dia.

Que horror!

E o que mais temia, era que lhe tirassem a inocente criança que ela já amava como se fosse seu filho, pobre criança repelida pela

própria mãe e que não tinha no mundo mais ninguém senão ela e o «Pardal».

Por isso sentia um medo terrível, parecendo-lhe ver surgir a cada passo a polícia para os prender a ambos.

V

«SEREI EU A TUA MÃE»

Finalmente, chegaram a uma casinha abandonada, que apresentava sinais de ter sido pasto das chamas. O tecto caíra; o vigamento estava todo queimado; as paredes negras do fumo; as janelas e a porta carcomidas pelo fogo que tudo devorara.

O incêndio devia ter sido há muito tempo, pois na casa não havia móveis, nem qualquer outro vestígio de que fosse habitada.

O «Pardal» e a sua amiguinha sentaram-se a entrada da porta, o cão sentou-se diante deles, com as orelhas inclinadas para a frente; numa atitude vigilante.

Carmencita, ao sentar-se, soltou um profundo suspiro até então mal contido:

—Ahl Agora, respira!... Dá cá o menino, queres?

—Toma-o lá. Está a dormir muito descansado. Para ele é, como se nada houvesse acontecido. Perdeu uma mãe, e não se importou nada com isso. Bem queria ele saber do que se passava no mundo!...

—E eu que queria encontrar a sua mãe!... E afinal fomos encontrando a morte todos três! E agora vejo tudo perdido!

—Por que dizes «tudo»?

—Porque penso na minha irmã e no noivo.

—É verdade. Que triste situação!

E ficaram silenciosos.

Carmencita, com as lágrimas nos olhos, olhava o inocente que dormia sossegado e alheio ao drama pungente da vida, como se não se houvesse projectado sobre ele um futuro incerto, ou talvez trágico!

O «Pardal» estava absorto. Pensava se seria prudente contar à sua amiga a conversação que ouvira, no palácio, quando estava escondido atrás do reposteiro e reconhecera a mulher de luto.

Carmen, de si para si, perguntava:

«—Quem será, então, a mãe desta criança?»

E em voz alta, disse ao pequeno engraxador:

—Tão satisfeita que eu estava por ter encontrado a mãe do menino, e afinal não era filha dela!

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Música de Amores

Os efeitos da disciplina e da boa regência verificada agora na Banda dos Bombeiros Voluntários, estão a dar os seus frutos e a mostrar as qualidades aproveitáveis de todos os elementos. Temos boa música em Amares e se o mestre de Ovar não fugir, cremos que a fama da banda vai ser recuperada. Em Porto D'Ave numa festa ali realizada, todo o público e o mestre da banda das Taipas ficaram convencidos de que a nossa banda é boa em qualquer parte. Vai esse Grupo musical, de Domingo a oito dias, gratuitamente, embora fosse convidada e poder levar dinheiro, assistir no Porto à recepção do professor Marcello Caetano. Como simpatiso muito com o primeiro Ministro, só tenho pena não ser músico para lhe fazer a festa que merece o talentoso homem público, grande amigo da Pátria e dos seus filhos.

Frederico Machado Dias

Chegou a Portugal e á sua Terra Natal este Verão ilustre da família Colona continuador das virtudes de seus queridos pais Frederico e D. Cândida, assinantes da Tribuna Livre e merecedor do modesto elogio que não pode traduzir o que a Tribuna Livre desejava. Veio do Brasil, desse Brasil imenso, que poucos Brasileiros conhecem na sua extensão de maravilhas que eu vi no Amazona. Veio com a esposa, senhora Brasileira, que dará por bem empregada a hora feliz de ter casado com uma portuguesa tão distinto.

Que não esquecem a Feira Nova aonde é altamente estimado e aonde deixará sólidas amizades que o prenderão, como raízes, á terra Mãe.

Falta a camisa e a gravata

O amigo Monteiro, simpático motorista na praça de Amares, falou-me em seu nome e da classe que tão dignamente representa para que dissesse no jornal que as camisas com colarinhos e gravata encomodam muito os movimentos dentro do carro e ainda que as camisas de manga comprida também não oferecem vantagem de movimentos. Parece que o Joaquim tem razão e tem porque os seus colegas, que vi no Alvío não trasiam nada desses ornamentos. O recado fica dado e já o devia ter sido quando conseguiram

«expulsar» o boné. Só é preciso que um dístico mutável destinga na rua a briosa classe.

Agnus Dei

Acometido subitamente por medidas governativas que extirparam um crónico exioma que atrofiava o corpo e a alma de um povo resignada à esperança da salvação pelo sacrifício e pela mortificação, o país e as suas camadas sociais respiram uma verdadeira atmosfera de realidades que devem ser conhecidas por quem não viveu na desventura e para que se contenha em vestidos de irrequietos meninos ricos, que, de tão bem tratados, anda batem na mamã que lhes dá do seio materno, á última gota do seu sangue.

Encarados de frente todos os problemas sociais esquecidos da Doutrina Cristã, ressurgiram vigorosos em 1926 quando um novo profecta veio anunciar a boa nova do encontro da felicidade. Esse filho de Deus leu os mandamentos e pô-los em prática para que o povo de Portugal soubesse que a passagem de Cristo pela terra não foi incólume às necessidades humanas mas antes um sintoma característico da existência do inferno que, com o seu fôgo, ia queimando os mandamentos Bíblicos para destruir o Monumento da Fé em que temos vivido para nos salvar. Ei-a pois advogados, nossos irmãos, que estais no governo, não vos esqueçais de Salazar, o último profecta aparecido para salvar o povo da pobreza em que vivia até á data da sua aparição. Creio num Só Deus Todo Poderoso para que nos destine filhos poderosos para nos governar sem se esquecerem do Insigne Mestre que nos abriu e mostrou o caminho já percorrido há quasi meio século sem qualquer desvio digno de apreciações menos honrosos para os actuais promotores da obra de salvação nacional, com quem contamos e a quem oferecemos qualquer parcela do nosso sacrifício para os ajudar a vencer tantos obstáculos e tantas surpresas condimentadas de aparente patriotismo que pode levar no engano muita gente bem intencionada; mas a mim não me engananas tú, raposa manhosa que comes-te a carne e empenhas-te os ossos da Nação.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã o sr. Arnaldo da Silva Tomé e o sr. Manuel Gonçalves Leite.

No dia 18 a sra. Adelaide Veloso.

No dia 19 a sra. Josefa Amorim da Silva Leite filha do nosso assinante sr António M. S. Leite, ausente no Brasil.

No dia 20 o sr. Fernando António Almeida Rodrigues e o sr. Agostinho Correia Peixoto, nosso estimado assinante, de Goães.

No dia 21 o sr. Delfim da Silva Pinto, natural de Rendufe e residente em Lisboa.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Maria Rosa da Cunha

ANIVERSÁRIO

No próximo dia 19 festeja mais uma risonha primavera a menina Maria Rosa da Cunha, natural de Guimarães e acidentalmente residente com seus pais em França.

Muito ligada ao nosso concelho por laços familiares, uma pessoa amiga deseja-lhe um aniversário muito feliz e que esta data se repita por muitos e felizes anos.

Parabéns

* * *

Festejou o seu aniversário natalício o menino Manuel António Antunes Pinheiro, filho do nosso assinante sr. Abílio Manuel Machado Pinheiro e D. Maria da Cunha Antunes, a quem desejamos que tivesse passado um aniversário muito feliz.

Aniversário

ELÍSIO MACEDO

Amanhã, dia 16, passa o aniversário natalício do nosso prezado assinante sr. Elísio Macedo, actualmente em férias com sua esposa e filhas entre nós, pois que a sua vida se encontra realizada em França.

Desejámos-lhe um dia muito feliz e a continuação de umas férias felizes.

O aniversário do «Tone Jorge»



No próximo dia 21 festeja mais um aniversário o jovem militar filho da Feira Nova sr. António Jorge Gonçalves Macedo Martins.

Ao Jovem António Jorge, a quem o F. C. A. deve tardes gloriosas, Tribuna Livre apresenta sinceros parabéns, e que esta data se repita por anos sem fim na companhia de sua ilustre família.

Parabéns

Carolina Antunes Macedo

No dia 20 do corrente regressa aos E. U. a senhora D. Carolina, esposa do snr. Felizberto Macedo, simpática figura no meio Amarense e membro de uma das famílias que mais se tem notabilizado pelo seu arranjo industrial. Tudo que vemos em Amares, que causa espanto, é da família Macedo a quem a «má língua» não destroi a dignidade dos seus actos. Esperamos que o Felisberto não mande só sua esposa como embaixatriz da simpatia, que venha também, que não acumule fortuna porque não a pode levar quando partir... para a federação sepulcral de tantos esquecida.

A Alemanha Federal e os nossos vinhos

Encontra-se no nosso país, onde permanecerá durante alguns dias, um grupo de viticultores do Instituto Estadual Experimental e de Ensino para a Vinicultura, Horticultura e Agricultura de Bad Kreuznach, na República Federal da Alemanha. Esta visita tem como objectivo o estudo da viticultura em Portugal, pelo que ao grupo foi proporcionada, através do Fundo de Fomento de Exportação, a oportunidade de conhecer as zonas vinícolas do centro e norte do país, onde visitará também algumas das principais caves.

Na cidade do Porto, serão os visitantes recebidos no Instituto do Vinho do Porto. Daqui, deslocar-se-ão ainda às regiões do Douro e Viseu, a fim de conhecerem as tradicionais vinhas.

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133

Crime grave e crime gravíssimo

joquetes do caciquismo tribal, digam o que disserem os inimigos de Portugal, não há um problema ultramarino português pela simples razão de que «um problema existe quando há dados certos ou admissíveis e soluções desconhecidas. Quando os dados são conhecidos e certos e a conduta imposta por estes dados é conhecida e certa — por muito dura que seja — não há problema. Há, apenas, o caminho a seguir. Há, apenas, o dever a cumprir». Estas palavras, que não são nossas, mas que fazemos nossas, porque são a expressão da realidade, justificavam um longo e substancioso comentário. Não o fazemos, porque não pretendemos jogar com o sentido das palavras, mas, apenas, pôr em evidência esse sentido.

Ora, não havendo um problema ultramarino português, não precisamos os estrangeiros nem, muito menos, os portugueses, de buscar soluções para o que está longe de ter solução desconhecida. Do que os estrangeiros precisam é de se capacitarem de que Portugal ultramarino não tem um problema, no sentido político que, indevidamente, lhe atribuem. Do que os portugueses precisam (referimos-nos, obviamente, aos portugueses que, pelo menos mentalmente, pactuam com os estrangeiros que combatem a nossa política ultramarina) é de se capacitarem de que Portugal se limita a obdecer a um inelutável imperativo nacional ao defender-se dos que o atacam no

Ultramar Português. Crime grave, gravíssimo, contra a Nação cometem, na verdade, todos quantos contrariam a acção de Portugal na Guiné, em Angola e em Moçambique. O que ali fazem, desde uns doze anos, é o que fizemos no tempo de Teixeira Pinto e Honório Barreto, de João de Almeida e Paiva Couceiro de Caldas Xavier e Mouzinho de Albuquerque. Lutamos pela integridade do território português onde quer que ele situe. Não nos batemos pela hegemonia da raça branca. Batemo-nos pelo justo domínio da civilização branca, cujas vantagens estão à vista de todos. Aqueles que essa civilização beneficia são os primeiros a fazer-nos justiça. Se não fosse a convivência de certos brancos, entre os quais militam todos os que vociferam (e vociferam) contra nós a pretexto da pretensa carnificina da inexistente Wiriyamu, mas guardaram absoluto silêncio contra as comprovadas matanças e de que modo de brancos e negros quando da irrupção do terrorismo em Angola, se não fosse essa convivência, havia muito que a guerra em Portugal ultramarino teria acabado. Crime grave, gravíssimo, é apoiar os que, por meio de crimes, esses sim, graves gravíssimos, pretendem subverter a civilização branca, só vantajosa para os portugueses de cor por meio de terrorismo tribal de que o Continente Negro nos tem dado abundantes e pungentes exemplos.

A. de Freitas.

O Benfica-Invicto em 1972-73 perdeu com o Boavista na primeira jornada do «Nacional» da primeira divisão

Disputou-se no passado domingo a jornada inaugural do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira divisão, na qual averbam derrotas três dos principais favoritos ao título de campeão: Benfica, Sporting e Futebol Clube do Porto.

Resultados: Leixões—Guimarães (jogado no dia 8 anterior), 0—2; Farense—CUF, 2—2; Oriental—Montijo, 1—1; Boavista—Benfica, 2—0; Vitória do Setúbal—Sporting, 1—0; Barreirense—Académica, 1—0; Beira Mar—Olanense, 4—2; e «Os Belenenses»—Futebol Clube do Porto, 1—0.

Boavista, Guimarães, Vitória de Setúbal, Beira Mar, Belenenses e Barreirense comandam a Classificação, seguidos a um ponto pelo Farense, pela CUF, pelo oriental e pelo Montijo. Sem terem obtido pontos, estão no fim da tabela o Leixões, o Benfica, o Sporting, o Futebol Clube do Porto, a Académica e o Olanense.

A Imprensa Regional foi recebida pelo Snr. Presidente do Conselho

De regresso de Angola em visita que se deve ao Movimento Nacional Feminino, os directores dos jornais regionais foram recebidos pelo sr. prof. Marcello Caetano, com quem conversaram demoradamente.

O Chefe do Governo quis inteirar-se da impressão com que regressam os jornalistas regionalistas mostrando nisso o maior interesse.

Conversa afável, tocante pela simplicidade e bem estar, culminou com as palavras proferidas pelo Chefe do Governo, das quais salientamos a seguinte passagem:

«Uma campanha miserável apresenta-nos aos olhos da Humanidade como um povo de facinoras que por ódio aos ideais de liberdade oprime nos africanos, submetendo-os a um jugo inclemente». Este é o retrato da posição portuguesa em Africa tal como o define a opinião internacional a que há dias aludiu e comentou o Chefe do Governo, ao receber os representantes dos órgãos da Imprensa Regional regressados de uma visita a Angola, que caracterizaria ainda como um grande país em vias de desenvolvimento.

A. C. P. até o ano 2000

região em causa. Quando se mostre estar a região suficientemente servida por meios de transporte que assegurem a satisfação das necessidades públicas até então dependentes do transporte ferroviário, poderá a companhia ser dispensada do cumprimento dessa obrigação.

O contrato agora publicado prevê, por outro lado, que será revista, dentro de um ano, a legislação vigente sobre preços e condições de transporte ferroviário.

O. PERES

Jornada incompleta na segunda divisão que aguarda o desfecho dos torneios de competência de ambas as zonas

Com o União de Lamas, o Alba e o Sporting da Covilhã envolvidos no torneio de competência para apuramento do vigésimo clube que disputará na Zona Norte o Campeonato Nacional de Futebol da Segunda Divisão, não jogou o Famalicão, enquanto na Zona Sul ficou de fora o Marítimo do Funchal, que aguardará o desfecho do torneio entre o Juventude, o Alhandra, os Nazarenos e o Seixal.

Resultados da Jornada inaugural — Zona Norte: Lusitânia—Aves, 2—0; Gil Vicente—Vilanovense, 3—1; União de Coimbra—Tirsense, 5—0; Sanjoanense—Riopedre, 3—2; BRAGA—VARZIM, 0—0; Fafe—Oliveirense, 1—0; Penafiel—Chaves, 3—0; Salgueiros—Gouveia, 3—0, e Feirense—Espinho, 0—0.

Zona Sul: Odivelas—Cova da Piedade, 0—0; União de Tomar—Peniche, 0—1; Portimonense—Leiria, 3—2; Sesimbra—Atlético, 0—0; Marinhense—Sacavense, 0—0; Lusitano—União Sport, 3—0; Torriense—Torres Novas, 0—0; Alameda—Tramagal, 4—2 e Sintrense—Caldas, 2—0.

Uma capital à espera de o voltar a ser

que, no entanto, é território da sua própria pátria.

Torna-se até difícil explicar quanto sofrem os que residem na moderníssima cidade, pois eles próprios tentam esconder o seu sofrimento, envolvendo-o num grande conforto e indo anualmente passar algumas semanas de férias até à Espanha, até Portugal, até à Grécia ou até à Tunísia. «Se nos mantemos no centro comercial, debruçados sobre os nossos afazeres quotidianos, aié nos esqueceremos da nossa situação. Mas, se calha termos de passar perto do muro, é terrível. É a chamada à realidade, à nossa bem triste realidade».

O drama de Berlim chocava-me e quis ver com os meus próprios olhos como era. Fui e vi. Estive dez dias na cidade-ilha, de forma a poder dizer — como John Kennedy — «eu também sou um berlinense». E voltei convencido de que é importante e urgente fazer-se algo para acabar com o isolamento, derrubar o muro de cimento, retirar o arame farpado...

Se em Helsínquia e Viena se procura o desanuviamiento, se se tenta uma Europa verdadeiramente europeia, afastados os fantasmas da grande guerra mundial, porque não proclamar Berlim cidade verdadeiramente una e livre, que seria uma das primeiras do continente, gloriosa, com os seus cinco ou seis milhões de habitantes?

Se a República Federal Alemã se resignou a ter a sua capital em Bona, porque é que a República Democrática Alemã não transfere a capital para Leipzig ou para Dresden, num gesto de boa vontade?

Berlim, de facto a primeira cidade germânica, pela sua extensão e pelo número de

habitantes, não pode ser «apenas» a capital de uma das Repúblicas em que hoje a Alemanha está dividida. Melhor será, parece, que o seu papel de capital fique reservado para o dia da Reunificação.

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

idades que, por antigas, nem assim deixariam de obter os rasgados elogios dos cidadãos.

Não há dúvida, porém, ser a abertura aos munícipes, da sua participação na vida da nova cidade, promover uma onda de maior afeição à sua terra, mais estimada pela sua Vereação, maior incremento aos vários ideários a que têm de voltar-se os portugueses-póveis.

Que eles possuam Câmara à altura do seu excelente futuro, é uma verdade! Ainda agora se registou a compra de dois camiões, destinados à recolha de lixo, um dos quais já funciona, tratando-se de duas unidades, cuja aquisição custou cerca de 900 contos cada, equipadas com um compressor que não permite, deste modo, saltarem os resíduos do lixo para a rua e ainda tem o condão de poder comportar uma maior quantidade desse mesmo lixo.

Enfim, duas viaturas moderníssimas e actualizadas.

Se, como digo, a Câmara da Póvoa de Varzim continuar neste diapasão, vamos ter uma cidade moderna, por excelência, num país onde a maioria dos edis só lhes interessa ler o nome nos jornais e não ler o nome dos jornais.

A minha opinião é esta. E a sua, leitor amigo?

EME ABRIL

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Avião—ano	180\$00